

Mais de 100 milhões de livros vendidos

NICHOLAS SPARKS

UM HOMEM DE SORTE





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Jamie Raab e Denis Dalrymple.

*Um ano para lembrar...
e um ano para esquecer.
Estou com vocês em espírito.*

I



Clayton e Thibault

O subxerife Keith Clayton não os ouvira se aproximando e, de perto, não gostou do jeito deles. Em parte por causa do cachorro. Não gostava de pastores alemães, e esse, apesar de estar quieto, fez com que ele se lembrasse de Panther, o cão policial que acompanhava Kenny Moore e era rápido em morder os genitais dos suspeitos ao menor comando. Em geral, Clayton considerava Moore um idiota. Ainda assim, era o mais próximo de um amigo que ele tinha no departamento. E precisava admitir que Moore sabia contar as histórias das mordidas de Panther de um jeito que o fazia se dobrar de tanto rir. E Moore sem dúvida apreciaria o grupo de nudistas que Clayton tinha acabado de surpreender.

Fazia apenas alguns minutos que estava ali e só havia tirado duas fotos das duas estudantes que pegavam sol perto do rio em toda a sua glória matinal quando ele vira uma terceira garota surgir de um arbusto de hortênsias. Escondera a câmera às pressas no mato, saíra de trás da árvore e, um instante depois, estava cara a cara com a garota.

– Ora, o que temos aqui? – dissera com a fala arrastada, tentando colocá-la na defensiva.

Não gostava de ser surpreendido nem ficara satisfeito com a própria fala insípida. Em geral, era mais afável que isso. Muito mais. Por sorte, a garota ficara sem graça demais para notar grande coisa e quase tropeçara tentando recuar. Gaguejara algo parecido com uma resposta enquanto procurava se cobrir com as mãos. Tinha sido como assistir a alguém jogar Twister sozinho.

Ele não se esforçara para desviar os olhos. Em vez disso sorria, fingindo não notar o corpo dela, como se esbarrasse em mulheres nuas o tempo

todo. Dava para perceber que ela não sabia nada sobre a máquina fotográfica.

– Agora calma. O que está havendo? – perguntara Clayton.

Ele sabia muito bem a resposta. Aquilo acontecia todos os verões: a caminho de um último fim de semana prolongado antes da volta às aulas, as alunas da Chapel Hill ou da Universidade do Estado da Carolina do Norte frequentemente pegavam esse desvio na praia em Emerald Isle. Menos de 2 quilômetros por uma velha e sinuosa estrada de madeireiros que cruzava a floresta levavam ao ponto em que um riacho chamado Swan fazia uma curva fechada na direção do rio maior, o South. Ali havia uma praia de seixos que costumava ser usada para a prática de nudismo. Clayton não fazia ideia de como a tradição surgira, mas costumava passar ali contando com a sorte. Duas semanas antes tinha visto seis belezuras; naquele dia eram três, e as duas que antes estavam deitadas nas toalhas já iam pegando as blusas. Uma era meio gorducha e as outras duas – inclusive a morena parada diante dele – tinham o tipo de corpo que enlouquecia os rapazes das fraternidades universitárias. Os policiais também.

– Não sabíamos que havia alguém aqui! Achamos que não tinha problema!

O rosto dela exibira inocência suficiente para fazê-lo pensar: *O papai não ficaria orgulhoso se soubesse o que sua menininha estava aprontando?* Divertira-se imaginando o que a garota responderia, mas, como ele estava de uniforme, precisava falar como um oficial. Além disso, estava abusando da sorte: caso se espalhasse a notícia de que havia patrulhamento na área, não haveria mais estudantes no futuro, e ele nem queria pensar nessa possibilidade.

– Vamos falar com suas amigas.

Ele a acompanhara de volta à praia, desfrutando do pequeno show enquanto ela tentava sem sucesso cobrir o próprio traseiro. Quando os dois saíram de entre as árvores e alcançaram a clareira junto ao rio, as outras meninas já tinham vestido a blusa. A morena correria na direção das outras e pegara uma toalha, derrubando umas duas latas de cerveja. Clayton indicara uma árvore ali perto.

– Vocês não viram a placa?

Os olhos das garotas viraram na mesma direção. *As pessoas são ovelhas à espera de ordens*, pensara ele. A placa, pequena e parcialmente escondida

pelos galhos baixos de um carvalho antigo, tinha sido posta por ordem do juiz Kendrick Clayton, que por acaso era tio dele. A ideia das placas fora de Keith; ele sabia que a proibição pública só iria atrair mais gente ao lugar.

– Nós não vimos! – exclamara a morena, virando-se para ele. – Nós não sabíamos! Só ouvimos falar deste lugar há uns dois dias!

Ela continuara sua defesa enquanto lutava com a toalha. As amigas estavam assustadas demais para fazer qualquer coisa além de tentar vestir a parte de baixo do biquíni.

– É a primeira vez que a gente vem aqui! – ressaltara a garota.

A fala saíra como um gemido, fazendo-a parecer uma garotinha mimada. Coisa que provavelmente todas eram. Elas tinham *aquele* jeito.

– Vocês sabiam que a nudez pública é contravenção neste condado?

Os jovens rostos ficaram mais pálidos ainda. As moças deviam ter imaginado a anotação daquela pequena transgressão em suas fichas policiais. Era divertido de ver, mas Clayton não poderia deixar a coisa ir longe demais.

– Como você se chama?

– Amy – respondera a morena, engolindo em seco. – Amy White.

– De onde vocês são?

– Chapel Hill. Mas eu vim de Charlotte.

– Estou vendo bebida alcoólica aí. Todas têm mais de 21 anos?

Pela primeira vez as outras também responderam:

– Sim, senhor.

– Certo, Amy, é o seguinte: vou aceitar sua palavra de que vocês não viram a placa e que têm idade para beber, por isso não vou dar muita importância. Vou fingir que nem estive aqui. Desde que prometam não contar ao meu chefe que deixei vocês escaparem.

Elas mal acreditaram.

– Sério?

– Sério. Eu também já fui universitário.

Não tinha sido, mas sabia que isso causava boa impressão.

– E seria bom vocês se vestirem. Nunca se sabe, pode haver gente espreitando por aí – falara ele, dando um sorriso. – Não deixem de catar todas as latas, está bem?

– Sim, senhor.

– Obrigado.

Clayton se virara para ir embora.

– Só isso?

Ele se voltara na direção delas e sorria de novo.

– Só. Cuidem-se.

Clayton seguira pelos arbustos, desviando de um galho ou outro enquanto voltava ao carro. Acreditava que tinha cuidado bem da situação. Muito bem mesmo. Amy tinha até sorrido para ele. Talvez pudesse voltar e pedir o telefone dela. Não, decidira. Provavelmente era melhor deixar para lá. O mais provável era que elas contassem às amigas que, mesmo surpreendidas pela polícia, nada havia acontecido. Correria a notícia de que os policiais dali eram *maneiros*.

Enquanto passava pelo mato, ele torcia para que as fotos tivessem ficado boas. Seriam um belo complemento à sua coleção. No fim, tinha sido um dia excelente.

Já ia buscar a máquina fotográfica quando escutara um assobio. Acompanhara o som até a estrada de madeireiros e vira o homem com um cachorro, caminhando devagar. Parecia um hippie dos anos 1960.

O cara não estava com as garotas. Clayton tivera certeza disso. Para começo de conversa, era velho demais para ser universitário; no mínimo beirava os 30 anos. Sob a mochila, dava para notar um saco de dormir. O cabelo comprido fizera Clayton pensar em um ninho de ratos. Não era alguém que iria passar um dia na praia; o cara tinha a aparência de quem viajava a pé, talvez acampando ao ar livre. Não dava para saber quanto tempo estivera ali nem o que teria visto.

Talvez Clayton tirando fotos? De jeito nenhum. Impossível. Clayton estivera escondido da estrada, os arbustos eram densos e ele ouviria se alguém passasse pelo mato. Certo? Mesmo assim, aquela era uma região incomum para se viajar a pé. Estavam no meio do nada, e a última coisa que ele queria era um bando de fracassados hippies arruinando aquele local para as estudantes.

O estranho havia passado por ele. Tinha quase chegado ao carro da polícia e ia na direção do jipe das garotas. Clayton saiu na estrada e pigarreou. O homem e o cachorro se viraram ao ouvi-lo.

De longe, continuara a avaliá-los. O estranho não parecera abalado com o surgimento súbito do policial – o pastor alemão também não – e algo em seu olhar inquietara o subxerife. Fora como se o homem quase esperasse que Clayton aparecesse. Sentira o mesmo em relação ao cachorro. A ex-

pressão do pastor era indiferente e cautelosa – quase *inteligente* –, a mesma de Panther antes que Moore o mandasse atacar. O estômago de Clayton se revirara e ele tinha se controlado para não cobrir os próprios genitais.

Por um longo minuto os dois homens continuaram a se encarar. Clayton tinha aprendido, muito tempo atrás, que seu uniforme intimidava a maioria das pessoas. Todo mundo, até quem era inocente, ficava nervoso perto de homens da lei, e ele supôs que aquele cara não seria exceção. Era um dos motivos pelos quais adorava ser subxerife.

– Você tem uma guia para o seu cachorro? – perguntou, fazendo parecer mais uma ordem do que uma pergunta.

– Na mochila.

Clayton não conseguiu identificar nenhum sotaque. “Fala como um apresentador de televisão”, a mãe costumava descrever.

– Coloque a guia.

– Não se preocupe. Ele não vai se mexer a não ser que eu mande.

– Coloque mesmo assim.

O estranho abriu a mochila e começou a vasculhar. Clayton esticou o pescoço na expectativa de vislumbrar algo que pudesse parecer drogas ou armas. O estranho prendeu a guia à coleira do cachorro e encarou Clayton com uma expressão que parecia dizer: *E agora?*

– O que você está fazendo aqui? – perguntou Clayton.

– Caminhando.

– É uma mochila bem grande para uma caminhada.

O homem não disse nada.

– Ou será que você estava xeretando, tentando ver a paisagem?

– É isso que as pessoas fazem quando vêm aqui?

Clayton não gostou do tom dele, nem do que a frase sugeria.

– Quero ver alguma identificação.

O estranho se curvou de novo sobre a mochila e pegou um passaporte. Espalmou a mão para o cachorro, indicando que ficasse parado, depois deu um passo na direção de Clayton e entregou o documento.

– E a carteira de motorista?

– Não tenho.

Clayton examinou o nome, os lábios movendo-se ligeiramente.

– Logan Thibault?

O homem assentiu.

- De onde você é?
- Colorado.
- Viagem longa.
- O homem não comentou nada.
- Está indo para algum lugar específico?
- Arden.
- O que tem em Arden?
- Não sei. Ainda não estive lá.

Clayton franziu a testa diante da resposta. Era engenhosa demais. Era... desafortada demais? Era alguma coisa demais. Qualquer coisa. De repente teve certeza de que não gostava do sujeito.

- Espere aqui – disse. – Não se importa se eu verificar, não é?
- Fique à vontade.

Enquanto voltava ao carro, Clayton olhou por cima do ombro e viu Thibault enfiar a mão na mochila, pegar uma pequena tigela e esvaziar uma garrafa d'água dentro. Como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

Vamos descobrir, não é? No carro, Clayton falou o nome e o soletrou pelo rádio.

- É Thibault, a pronúncia é “Tibô”, não “Taibolt” – interrompeu-o a atendente. – É francês.
- Por que eu iria me importar com a pronúncia?
- Eu só quis dizer...
- Tanto faz, Marge. Só verifique, está bem?
- Ele parece francês?
- E como eu vou saber qual é a aparência de um francês?
- Só estou curiosa. Não fique tão irritado. Estou meio ocupada aqui.

É, está ocupada de verdade, pensou Clayton. *Comendo, provavelmente.* Marge devorava pelo menos uma dúzia de rosquinhas com creme por dia. Devia pesar uns 130 quilos.

Pela janela, viu o homem agachar ao lado do cachorro e conversar com ele enquanto o bicho bebia água. Balançou a cabeça. Falando com animais. Maluco. Como se o cachorro pudesse entender alguma coisa além de comandos básicos. Sua ex-mulher também fazia isso. Tratava os cachorros como gente, o que deveria tê-lo alertado a ficar longe dela, para começo de conversa.

– Não estou achando nada – avisou Marge. – Ela parecia estar mastigando alguma coisa. – Nenhum mandado, que eu possa ver.

– Tem certeza?

– É, tenho. Eu sei fazer meu serviço.

Como se escutasse a conversa, o homem pegou a tigela e recolocou na mochila, que então pendurou no ombro.

– Houve algum outro chamado incomum? Gente vadiando por aí, algo assim?

– Não. A manhã está calma. E onde você está, por sinal? Seu pai está tentando encontrá-lo.

O pai de Clayton era o xerife do condado.

– Diga que volto daqui a pouco.

– Ele parece furioso.

– Só diga a ele que estou patrulhando, está bem?

Não se deu o trabalho de acrescentar: “Para ele saber que estou trabalhando.”

– Vou fazer isso.

Assim estava melhor.

– Preciso ir.

Recolocou o fone do rádio no lugar e ficou sentado imóvel, sentindo um levíssimo traço de decepção. Seria divertido ver como o cara se comportava na cadeia, com aquele cabelo de mulher e coisa e tal. Os irmãos Landry iriam se divertir com ele. Eram hóspedes regulares da cadeia nas noites de sábado: bêbados e desordeiros que brigavam pela cidade, quase sempre um com o outro. A não ser quando estavam presos. Aí escolhiam outra pessoa.

Pegou a maçaneta do carro. E por que o pai estava furioso dessa vez? O cara vivia lhe dando nos nervos. Faça isso. Faça aquilo. Já cuidou dessa papelada? Por que está atrasado? Onde você estava? Clayton muitas vezes tinha vontade de lhe dizer que cuidasse da própria vida. O velho ainda achava que mandava em tudo.

Não importava. Descobriria cedo ou tarde. Agora era hora de tirar o fracassado hippie dali antes que as garotas saíssem. O lugar deveria ser reservado, não é? Malucos hippies podiam estragar tudo.

Saiu do carro e bateu a porta. O cachorro inclinou a cabeça de lado enquanto ele se aproximava. Clayton devolveu o passaporte.

– Desculpe a inconveniência, Sr. Thibault – falou, pronunciando o nome

errado de propósito. – Só estou fazendo o meu serviço. A não ser, claro, que o senhor tenha alguma droga ou arma na sua mochila.

– Não tenho.

– Importa-se se eu olhar?

– Sim. Direitos civis e tal.

– Vi que tem um saco de dormir aí. Andou acampando?

– Passei a noite no condado de Burke.

Clayton observou o sujeito enquanto pensava na resposta.

– Não tem nenhum camping por aqui.

O cara não disse nada.

Foi Clayton quem desviou o olhar.

– Seria bom manter esse cachorro na guia.

– Eu não sabia de nenhuma lei sobre guias neste condado.

– Não tem. É para a segurança do seu cachorro. Tem muito carro na estrada principal.

– Não vou me esquecer disso.

– Certo, então.

Clayton se virou, mas depois parou e se dirigiu mais uma vez ao homem.

– Se não se importa que eu pergunte, há quanto tempo está aqui?

– Cheguei agora mesmo. Por quê?

Algo no tom da pergunta incomodou Clayton. Ele hesitou um instante, mas então se lembrou de que o sujeito não tinha como saber o que ele estivera fazendo.

– Por nada.

– Posso ir?

– Pode. Tudo bem.

Clayton ficou observando o homem e seu cachorro seguirem pela estrada de madeireiros e pegarem uma trilha mato adentro. Assim que eles sumiram, foi buscar a câmera. Enfiou o braço nos arbustos, chutou a palha de pinheiro e refez os passos algumas vezes para se certificar de que era o lugar certo. Por fim se ajoelhou, o pânico começando a bater. A máquina era do departamento do xerife. Ele só pegava a câmera *emprestada* para essas saídas especiais. O pai faria um monte de perguntas caso ela sumisse. Pior ainda se fosse encontrada com um monte de fotos de garotas nuas na memória. O pai era rígido com relação a protocolos e responsabilidades.

Alguns minutos se passaram. A distância, ouviu o ronco de um motor

sendo ligado. Presumiu que as estudantes estivessem indo embora; só pensou brevemente no que elas poderiam imaginar ao ver seu carro ainda lá. Ele tinha outros problemas na cabeça.

A máquina fotográfica tinha sumido.

Não fora perdida. Havia *sumido*. E com toda a certeza aquela porcaria não tinha pernas. E de jeito nenhum as garotas a haviam encontrado. O que significava que Taibolt curtira com a cara dele o tempo todo. *Taibolt. Curtira. Com a cara. Dele*. Inacreditável. Clayton tinha percebido que o cara agia de um jeito ardiloso, tipo *Eu sei o que vocês fizeram no verão passado*.

De jeito nenhum o cara iria se livrar. Nenhum hippie maluco sujo e que falava com cachorros iria dedurar Keith Clayton. Não nesta vida.

Abriu caminho entre os galhos, voltando à estrada, pensando que pegaria Logan Taibolt e faria uma revista rápida. E era só o começo. Depois teria mais, com certeza. O cara tinha curtido com a cara dele? Isso não se fazia. Não nessa cidade. E ele não ligava a mínima para o cachorro. Se o cachorro ficasse irritado? Tchau, cachorrinho. Simples assim. Os pastores alemães eram armas – não havia nenhum tribunal que não aceitasse isso.

Mas uma coisa de cada vez. Encontrar Thibault. Pegar a câmera. Depois pensar no passo seguinte.

Foi só então, enquanto se aproximava do carro, que percebeu que os dois pneus traseiros estavam vazios.



– Como você disse mesmo que era o seu nome?

Thibault se inclinou por cima do banco da frente do jipe.

– Logan Thibault – falou acima do rugido do vento. Apontando o polegar sobre o ombro, completou: – E este é o Zeus.

Zeus estava na parte de trás do jipe, com a língua para fora, o focinho levantado ao vento enquanto o veículo acelerava em direção à autoestrada.

– Lindo cachorro. Eu sou Amy. E estas são Jennifer e Lori.

Thibault olhou para as moças.

– Oi.

– Ei.

Elas pareciam distraídas. O que não era de surpreender, pensou Thibault, considerando o aperto pelo qual tinham passado.

- Obrigado pela carona.
- Tudo bem. E você disse que está indo para Hampton?
- Se não for longe demais.
- Fica no caminho.

Depois de sair da estrada de madeireiros e cuidar de algumas coisas, Thibault tinha voltado para a estrada no momento em que as meninas saíam. Estendeu o polegar e pediu carona, grato por Zeus estar com ele. Elas pararam.

Às vezes as coisas dão certo.

Apesar de fingir que não, tinha visto as três mais cedo naquela manhã, quando elas chegaram. Ele havia passado a noite logo acima da encosta próxima à praia, mas dera a privacidade que as moças mereciam assim que elas começaram a tirar a roupa. Para ele, o que estavam fazendo pertencia à categoria “se não faz mal, não é crime”. Exceto por ele, elas estavam sozinhas, e Thibault não tinha intenção de ficar ali olhando. Quem se importava se elas tirassem a roupa ou, sei lá, vestissem fantasias de galinha? Não era da sua conta, e ele pretendia deixar a coisa assim – até ver chegar um carro do departamento do xerife do condado de Hampton.

Dera uma boa olhada no policial através do para-brisa e tinha percebido alguma coisa *errada* na expressão do sujeito. Era difícil dizer o quê, e ele não parara para analisar. Dera meia-volta, cortando caminho pela floresta, e chegara a tempo de ver o policial conferir o cartão de memória da câmera e sair em silêncio do carro. Vira-o esgueirar-se em direção à encosta. Thibault sabia muito bem que o homem podia estar trabalhando em algum caso oficial, mas o policial tinha a mesma aparência de Zeus ao esperar um pedaço de carne: um pouco empolgado demais.

Thibault mandara Zeus ficar onde estava e mantivera uma distância suficiente para o policial não ouvi-lo. Depois disso, o plano se desenrolara espontaneamente. Sabia que um confronto direto não seria viável: o policial diria que estava recolhendo provas, e a palavra dele seria inquestionável. Qualquer atrito físico estava fora de questão, principalmente porque causaria mais problemas do que valia a pena, se bem que ele adoraria encarar o sujeito. Por sorte – ou azar, supôs, dependendo da perspectiva –, a garota havia aparecido, o policial entrara em pânico e Thibault vira onde a máquina fotográfica tinha ficado. Assim que o policial e a garota foram para onde as amigas dela estavam, Thibault pegara a câmera. Poderia ter ido embora

naquele momento, mas o sujeito precisava de uma lição. Não uma lição grande, só uma que mantivesse intacta a honra das garotas, permitisse que Thibault fosse embora e arruinasse o dia do policial. Motivo pelo qual tinha esvaziado os pneus dele.

– Ah, lembrei! – exclamou Thibault. – Encontrei a câmera fotográfica de vocês no mato.

– Não é minha. Lori, Jen, alguma de vocês perdeu uma máquina fotográfica?

As duas balançaram a cabeça.

– Bem, fiquem com ela – falou Thibault, deixando-a no banco. – E obrigado pela carona. Eu já tenho uma câmera.

– Tem certeza? Deve ser cara.

– Tenho.

– Obrigada.

Thibault notou as sombras brincando no rosto de Amy, pensando que era bonita, uma garota da cidade grande, com feições bem-definidas, pele morena e olhos castanhos salpicados de mel. Dava para se imaginar olhando para ela durante horas.

– Ei... você vai fazer alguma coisa no fim de semana? – perguntou Amy.

– Nós vamos à praia.

– Obrigado pelo convite, mas não posso.

– Aposto que vai ver a namorada, não é?

– Por que você diz isso?

– Você tem um jeito...

Ele se obrigou a se virar para o outro lado.

– Mais ou menos isso – respondeu.

2



Thibault

Era estranho pensar nas reviravoltas que a vida de um homem podia dar. Um ano antes, Thibault teria pulado de empolgação diante da oportunidade de passar o fim de semana com Amy e as amigas. Talvez fosse disso que ele precisava, mas, quando elas o deixaram nos arredores de Hampton, com o calor da tarde de agosto batendo com força, ele acenou em despedida sentindo um estranho alívio. Tinha sido exaustivo manter a fachada de normalidade.

Desde que deixara o Colorado, havia cinco meses, não tinha passado voluntariamente mais do que algumas horas com ninguém. A única exceção havia sido um fazendeiro idoso que criava gado leiteiro ao sul de Little Rock e que o deixara dormir num quarto sem uso, no andar de cima da casa, depois de um jantar em que o velho falara tão pouco quanto ele. Thibault ficara grato por o homem não sentir necessidade de interrogá-lo sobre o motivo de ter aparecido daquele jeito. Sem perguntas, sem curiosidade, sem pistas inconclusivas. Só uma aceitação casual de que Thibault não queria conversar. Como retribuição, Thibault passara dois dias ajudando-o a consertar o telhado do celeiro, depois voltara à estrada, com a mochila cheia e Zeus logo atrás.

Exceto pela carona das garotas, tinha caminhado por todo o trajeto. Depois de largar as chaves de seu apartamento na sala do zelador em meados de março, havia gastado oito pares de sapatos e sobrevivido praticamente à base de barras de cereal e água durante trechos longos e solitários entre cidades. Uma vez, no Tennessee, comera cinco grandes porções de panquecas depois de passar quase três dias sem se alimentar. Junto com Zeus, tinha atravessado nevascas, tempestades de granizo, chuva e um calor tão intenso

que lhe causara bolhas nos braços. Tinha visto um tornado no horizonte perto de Tulsa, em Oklahoma, e, duas vezes, quase fora atingido por um raio. Pegara diversos desvios, tentando permanecer fora das estradas principais – o que alongava a viagem –, às vezes sem nenhum motivo especial.

Em geral, caminhava até cansar e, perto do fim do dia, começava a procurar um local para acampar, qualquer lugar onde ele e Zeus não seriam perturbados. Voltavam a caminhar antes do nascer do sol, de modo que ninguém percebesse. Até então, ninguém os incomodara.

Estimava ter percorrido mais de 30 quilômetros por dia, mas não chegara a conferir. Não era isso que importava na viagem. Algumas pessoas poderiam supor que ele estava caminhando para deixar para trás as lembranças do mundo que abandonara, o que tinha um quê de poético; outros poderiam acreditar que ele andava simplesmente pela viagem. Mas nenhuma dessas opções era verdade. Gostava de andar e tinha aonde ir. Simples assim. Apreciava a ideia de ir quando quisesse, no ritmo que bem entendesse, até o lugar onde queria estar. Depois de quatro anos obedecendo ordens no corpo de fuzileiros, essa liberdade o atraía.

A mãe se preocupava com ele, mas era isso que as mães faziam. Ou pelo menos a sua. Ele ligava a intervalos de alguns dias para dizer que estava bem. E em geral, depois de desligar, pensava que não estava sendo justo com ela. Passara a maior parte dos últimos cinco anos longe e, antes de cada um de seus períodos no Iraque, a mãe lhe repetira ao telefone que não fizesse nada estúpido. Não tinha feito, mas algumas vezes fora por pouco. Apesar de nunca ter contado sobre essas ocasiões, ela lia os jornais. “E agora essa!”, lamentara a mãe na noite antes de sua partida. “Isso parece maluquice.”

Talvez fosse. Talvez não. Ele ainda não sabia.

– O que você acha, Zeus?

O cachorro levantou os olhos ao ouvir seu nome e se aproximou.

– É, eu sei. Você está com fome. Qual é a novidade?

Thibault parou no estacionamento de um hotel barato nos arredores da cidade. Pegou a tigela e o resto da comida do cachorro. Enquanto Zeus comia, olhou em volta.

Hampton não era o pior lugar que ele já vira, nem de longe, mas também não era o melhor. Ficava às margens de um rio, o South, uns 55 quilômetros a noroeste de Wilmington e do litoral. À primeira vista, não parecia

diferente dos milhares de comunidades operárias autossuficientes, cheias de história e orgulho, que salpicavam o sul. A cidade tinha uns dois sinais de trânsito, que controlavam o tráfego em direção à ponte que atravessava o rio. Dos dois lados da estrada principal, por quase 1 quilômetro, ficavam prédios baixos de tijolos, um colado ao outro, com os nomes das empresas pintados nas vitrines – lugares para comer, beber ou comprar ferramentas. Alguns velhos pés de magnólia se espalhavam aqui e ali, fazendo as calçadas inchar com as raízes volumosas. A distância, a antiga sinalização indicava uma barbearia, bem como os idosos de sempre sentados no banco diante dela. Sorriu. Tinha um charme pitoresco, como uma cena da década de 1950.

Contudo, ao observar melhor, sentiu que as primeiras impressões eram enganosas. Apesar de a cidade ficar perto da praia – ou talvez por causa disso, supôs –, ele notou sua decadência: telhados antigos, tijolos já frágeis, manchas escuras cerca de meio metro acima dos alicerces, o que indicava enchentes sérias no passado. Não avistou estabelecimentos fechados com tábuas cobrindo as vitrines, mas, a julgar pela escassez de carros parados diante das lojas, não podia imaginar quanto tempo os comerciantes ainda se sustentariam. Os distritos comerciais das cidades pequenas rumavam para a extinção e, se aquela ali fosse como a maioria das outras por onde passara, já devia haver outra área mais nova para os negócios, provavelmente ancorada por algum supermercado.

De toda forma, era estranho estar ali. Não sabia direito como tinha imaginado que Hampton seria, mas não era daquele jeito.

Não importava. Enquanto Zeus terminava de comer, pensou no tempo que demoraria para encontrá-la. A mulher da fotografia. A mulher que ele fora conhecer. Mas encontraria. Isso era certo.

Pendurou a mochila às costas.

– Está pronto?

Zeus inclinou a cabeça.

– Vamos arranjar um quarto. Quero comer e tomar um banho. E você precisa de um também.

Thibault deu alguns passos, mas parou ao perceber que Zeus não o acompanhara. Olhou por cima do ombro.

– Não me olhe com essa cara. Você precisa mesmo de um banho. Está fedendo.

Zeus continuou onde estava.

– Ótimo. Faça o que quiser. Estou indo.

Seguiu para a recepção para pedir um quarto. Sabia que Zeus iria atrás. No fim, o cachorro sempre o acompanhava.



Até encontrar a fotografia, a vida de Thibault seguia como ele tinha programado muito tempo antes. Sempre tivera um plano. Planejara se sair bem na escola e conseguira; quisera participar de vários esportes e crescera jogando praticamente tudo. Desejara aprender a tocar piano e violino e ficara hábil a ponto de compor as próprias músicas. Depois de estudar na Universidade do Colorado, decidira procurar o corpo de fuzileiros navais. O recrutador ficara empolgado por ele preferir se alistar, em vez de virar oficial. Pasma, mas empolgado: não era comum alguém com diploma universitário escolher ser soldado raso, mas era exatamente isso que ele desejava.

O atentado contra o World Trade Center tivera pouco a ver com aquela decisão. Para ele, entrar para o serviço militar parecia natural, já que o pai tinha servido nos fuzileiros durante 25 anos. Começara como soldado raso e saíra como um daqueles sargentos grisalhos e de jeito durão, que só não intimidavam a própria esposa e os pelotões que comandava. Ele tratava os subordinados como filhos. Costumava lhes dizer que tudo o que queria era levá-los de volta para sua casa e suas mães, vivos, bem de saúde e homens feitos. O pai devia ter comparecido a mais de cinquenta casamentos de rapazes que ele havia comandado e que não conseguiam se imaginar casando sem sua bênção.

E era um bom fuzileiro. Ganhara três condecorações no Vietnã e, no correr dos anos, servira em Granada, no Panamá, na Bósnia e na primeira Guerra do Golfo. Ele não se incomodava em ser transferido, de forma que Thibault passara a maior parte da juventude mudando-se de um lugar para outro, morando em bases militares ao redor do mundo. De certa forma, Okinawa era mais seu lar do que o Colorado e, ainda que seu japonês estivesse meio enferrujado, achava que uma semana em Tóquio o deixaria fluente de novo. Como o pai, Logan achava que acabaria se aposentando depois de uma vida inteira no corpo de fuzileiros. Mas, ao contrário dele,

pretendia viver bastante depois disso para desfrutar a aposentadoria. O pai tivera um ataque cardíaco do nada apenas dois anos depois de pendurar o uniforme no cabide pela última vez. Num minuto estava tirando neve da entrada de veículos, no outro havia partido.

Isso acontecera fazia treze anos. Na época Thibault estava com 15. Aquele dia e o enterro eram suas lembranças mais nítidas de antes de entrar para os fuzileiros. Crescer no meio militar deixa as recordações turvas, pela frequência com que a pessoa precisa se mudar. Os amigos vêm e vão, as malas são arrumadas e desfeitas, só os itens indispensáveis são levados de uma casa para outra. O resultado é que não resta muito a fixar. Às vezes isso é difícil, mas deixa a criança forte de formas que a maioria das pessoas não consegue entender. Ensina que, apesar de algumas pessoas ficarem para trás, outras surgem para ocupar o espaço delas; que cada lugar tem algo de bom – e de ruim – a oferecer. Faz amadurecer depressa.

Até mesmo a época da faculdade era nebulosa, mas esse capítulo da vida tivera as próprias rotinas. Estudar de segunda a sexta, curtir os fins de semana, enfiar a cara nos livros para as provas finais, encarar comida ruim no alojamento e ter só duas namoradas, uma que durou pouco mais de um ano. Todo mundo que ia para a faculdade tinha as mesmas histórias para contar e poucas tinham impacto duradouro. No fim das contas, o que contava era a formação.

Na verdade, ele sentia que sua vida só começara de verdade quando ele chegou à base de Parris Island para o treinamento básico. Assim que ele desceu do ônibus, o sargento instrutor começou a berrar no seu ouvido. Nada como um sargento instrutor para fazer a pessoa acreditar que nada na vida tivera importância até ali. Você passava a pertencer à tropa e pronto. É bom em basquete? *Cinquenta flexões, Sr. Armador*. Formado na universidade? *Monte esse fuzil, Einstein*. O pai era fuzileiro? *Limpe o banheiro como seu velho fazia*. Os mesmos clichês de sempre. Corra, marche, sentindo, arraste-se na lama, escale aquela parede. No treinamento básico, nada o surpreendera.

Precisava admitir que a maior parte dos exercícios funcionava. Eles faziam a pessoa se curvar, se rebaixar ainda mais, e no fim a transformavam num fuzileiro. Ou pelo menos era o que diziam. Ele não se curvara. Cumpria as tarefas, mantinha a cabeça baixa, obedecia às ordens, mas permanecera o mesmo. Tornara-se fuzileiro ainda assim.

Fora parar no Primeiro Batalhão do Quinto Regimento de Fuzileiros, baseado em Camp Pendleton. San Diego era seu tipo de cidade, com clima fantástico, praias maravilhosas e mulheres lindas. Mas isso não durou. Em janeiro de 2003, logo depois de fazer 23 anos, foi mandado ao Kuwait como parte da Operação Liberdade do Iraque. A base de Camp Doha, numa área industrial da cidade do Kuwait, era usada desde a primeira Guerra do Golfo e era praticamente uma cidade em si. Havia uma academia de ginástica e um centro de informática, uma loja do exército, lugares para comer e barracas espalhadas até o horizonte. Um lugar movimentado que estava mais agitado ainda devido à invasão iminente. As coisas eram caóticas desde o começo. Seus dias eram uma sequência ininterrupta de reuniões longas, exercícios extenuantes e planejamentos de ataque que mudavam sempre. Provavelmente treinara vestir a roupa de proteção química uma centena de vezes.

E havia boatos intermináveis também. A pior parte era tentar descobrir qual seria verdadeiro. Todo mundo sabia de alguém que conhecia alguém que tinha ouvido a *história real*. Num dia a invasão era iminente. No outro ouviam dizer que iam esperar. Primeiro entrariam pelo norte e pelo sul; depois só pelo sul, e talvez nem isso. Ouviam rumores de que os inimigos tinham armas químicas e pretendiam usá-las; no dia seguinte asseguravam que eles não iriam usá-las porque acreditavam que os Estados Unidos reagiriam com bombas nucleares. Havia boatos de que a Guarda Republicana do Iraque faria uma resistência suicida do outro lado da fronteira; outros juravam que ela pretendia resistir perto de Bagdá. Outros, ainda, garantiam que a resistência suicida aconteceria perto dos campos de petróleo. Resumindo: ninguém sabia nada, o que apenas alimentava a imaginação dos 150 mil soldados reunidos no Kuwait.

Na maior parte, os soldados são jovens. Às vezes as pessoas se esquecem disso. Metade dos que estavam ali nem podia comprar uma cerveja ainda – tinha 18, 20 anos. Eram rapazes confiantes, bem treinados e estavam empolgados, mas era impossível ignorar a realidade do que aconteceria. Alguns iriam morrer. Alguns falavam abertamente sobre isso, outros escreviam cartas para a família e as entregavam ao capelão. Os ânimos ficavam acirrados. Alguns tinham dificuldade para dormir; outros dormiam quase o tempo todo. Thibault observava tudo com um estranho distanciamento. *Bem-vindo à guerra*, podia ouvir o pai dizendo. *É sempre SNTF: situação normal, todos ferrados.*

De toda forma, Thibault não era imune àquela crescente tensão. E, como todo mundo, tinha precisado de uma válvula de escape. Era impossível não ter uma. Começara com o pôquer. O pai havia lhe ensinado e ele sabia jogar... ou pelo menos achava que sabia. Logo descobriu que os outros jogavam melhor. Nas primeiras três semanas, conseguiu perder praticamente cada centavo que tinha economizado desde que entrara no serviço militar, blefando quando deveria passar, passando quando deveria ficar no jogo. Não era muito dinheiro, na verdade, e de qualquer modo ele não tinha muitos lugares onde gastar. Mas aquilo o deixava com o humor péssimo durante dias. Odiava perder.

O único antídoto era fazer longas corridas logo de manhã cedo, antes que o sol nascesse. Em geral o tempo estava gelado; apesar de fazer um mês que estava no Oriente Médio, continuava pasmo ao constatar como o deserto podia ser frio. Corria com intensidade sob um céu apinhado de estrelas, a respiração saindo em pequenas baforadas de vapor.

Um dia, perto do fim de uma dessas corridas, quando já podia ver sua barraca a distância, começou a diminuir o passo. O sol tinha começado a surgir no horizonte, espalhando ouro na paisagem árida. Parou com as mãos no quadril, recuperando o fôlego, e foi então que, com o canto do olho, percebeu o brilho embotado de uma fotografia meio enterrada no chão. Pegou-a. A foto tinha sido plastificada para protegê-la. Espanou a poeira, limpando a imagem.

Foi a primeira vez que a viu: a loura de sorriso e olhos maliciosos cor de jade. Usava calça jeans e uma camiseta onde estava escrito DAMA DE SORTE. Atrás dela havia um estandarte mostrando as palavras FEIRA DE HAMPTON. Tinha ao lado um pastor alemão de focinho cinza. Na multidão atrás, meio fora de foco, viam-se dois rapazes de camisetas com estampas junto da bilheteria. A distância, se erguiam três árvores de sempre-vivas, daquelas pontudas que cresciam praticamente em qualquer lugar. No verso da foto estavam as palavras escritas à mão: “Fique em segurança! E.”

Não que ele tivesse notado nada disso de imediato. Na verdade seu primeiro impulso tinha sido jogar a foto fora. Quase fez isso, mas então pensou que quem a havia perdido poderia querê-la de volta. Ela devia significar algo para alguém.

Quando voltou ao acampamento, prendeu a foto num quadro de avisos perto da entrada do centro de informática. Imaginou que quase todos os

soldados passariam por ali em algum momento. Sem dúvida alguém iria pegá-la.

Uma semana se passou, depois dez dias. A foto não foi retirada. A essa altura seu pelotão começara a fazer horas de exercícios diárias e os jogos de pôquer tinham ficado sérios. Alguns homens tinham perdido milhares de dólares; diziam que um cabo teria perdido perto de 10 mil. Thibault, que não jogava desde sua humilhante tentativa inicial, preferia passar o tempo livre de outra forma, pensando na invasão iminente e imaginando como reagiria ao ser alvo de tiros. Quando foi até o centro de informática, três dias antes da invasão, viu a foto ainda presa no quadro de avisos e, por um motivo que ainda não entendia direito, pegou-a e a colocou no bolso.

Naquela noite, Victor, seu melhor amigo no esquadrão – os dois estavam juntos desde o treinamento básico –, o convenceu a participar da partida de pôquer. Ainda com pouco dinheiro, Thibault começou sem arriscar muito, acreditando que não ficaria mais de meia hora no jogo. Deixou passar nas três primeiras rodadas, depois fez um *straight* na quarta e um *full house* na sexta. As cartas continuavam vindo na sua direção – *flushes, straights, full houses*. Na metade da noite, havia recuperado a perda anterior. Os jogadores iniciais já haviam saído, substituídos por outros. Thibault ficou. Com o tempo, eles também foram substituídos. Thibault ficou. Sua série de vitórias persistiu e, ao amanhecer, ele tinha ganhado mais do que seus soldos nos primeiros seis meses como fuzileiro.

Só quando ia sair do jogo percebeu que o tempo todo estivera com a foto no bolso. Quando voltou à barraca com Victor, mostrou a foto ao amigo e apontou para as palavras na camiseta da mulher. Victor, filho de imigrantes ilegais que moravam perto de Bakersfield, na Califórnia, além de muito religioso, acreditava em todo tipo de superstição. Tempestades de raios, encruzilhadas e gatos pretos estavam entre seus prediletos. Antes de partirem dos Estados Unidos, ele havia contado a Thibault sobre um tio que supostamente jogava mau-olhado: “Quando ele olha para a pessoa de certo jeito, é só questão de tempo até a pessoa morrer.”

A convicção de Victor tinha feito Thibault sentir-se com 10 anos de novo, ouvindo fascinado alguma história assustadora narrada com uma lanterna embaixo do queixo. Na hora não disse nada. Todo mundo tinha suas manias. O cara queria acreditar em presságios? Tudo bem. O que

importava era que Victor tinha a mira tão excelente que fora recrutado como atirador de elite e que Thibault não hesitaria em confiar a própria vida a ele.

Victor tinha olhado para a foto e depois a devolvera.

– Você disse que encontrou isso quando estava amanhecendo?

– É.

– O amanhecer é a hora mais poderosa do dia.

– Foi o que você me contou.

– É um sinal. Ela é seu amuleto da sorte. Está vendo a camisa que ela está usando?

– Esta noite ela foi mesmo.

– Não só esta noite. Você achou essa foto por algum motivo. Foi também por algum motivo que ninguém a pegou de volta. E você pegou a foto hoje por um motivo. Era para você ficar com ela.

Thibault tinha sentido vontade de dizer algo sobre o que o cara que a perdera acharia disso, mas ficara quieto. Apenas se deitara na cama de campanha e cruzara as mãos na nuca.

Victor imitara seu movimento.

– Fico feliz por você. Daqui em diante a sorte vai estar do seu lado.

– Espero que sim.

– Mas você nunca pode perder a foto.

– Não?

– Se perder, o encantamento funciona ao contrário.

– E isso significa o quê?

– Que você vai ser azarado. E, numa guerra, a última coisa que você vai querer é ser azarado.



O quarto do hotel era tão feio por dentro quanto por fora: lambri de madeira, luminárias presas ao teto com correntes, carpete grosso, televisão aparafusada ao suporte. Parecia ter sido decorado nos anos 1970, sem nunca ter passado por uma reforma. Fez Thibault se lembrar dos lugares em que o pai parava na infância dele, quando a família saía de férias pelo sudoeste. Passavam a noite na beira da estrada. E, desde que os lugares fossem relativamente limpos, o pai os considerava bons. A mãe, nem tanto, mas o que

ela poderia fazer? Não encontrariam um hotel de luxo do outro lado da rua e, mesmo que houvesse um, não poderiam pagar.

Thibault cumpria a mesma rotina do pai ao entrar num quarto de hotel: puxou o edredom para se certificar de que os lençóis estavam limpos, verificou a cortina do chuveiro em busca de mofo, procurou cabelos na pia. Apesar das esperadas manchas de ferrugem, da torneira pingando e das marcas de cigarro, o lugar era mais limpo do que ele imaginara. E barato. Pagara por uma semana de estadia, em dinheiro, sem perguntas, sem cobrança extra pelo cachorro. Uma pechincha. Que bom. Ele não tinha cartões de crédito nem de débito, nada do tipo, nem endereço fixo para correspondências nem celular. Carregava quase tudo o que possuía. Sim, tinha uma conta bancária da qual podia sacar dinheiro sempre que precisasse. Ele a abrira em nome de uma empresa. Não era rico. Nem mesmo de classe média. A empresa não estava ativa. Ele apenas gostava de privacidade.

Levou Zeus para a banheira e lhe deu um banho usando o xampu que estava na mochila. Depois tomou uma ducha e vestiu as últimas roupas limpas. Sentado na cama, folheou o catálogo de telefone, procurando alguma coisa em particular. Sem sorte. Fez uma anotação mental para lavar roupa quando tivesse tempo, depois decidiu comer alguma coisa no pequeno restaurante que tinha visto descendo a rua.

Quando chegou, não deixaram Zeus entrar, o que não era surpreendente. Zeus se deitou do lado de fora e tirou um cochilo. Thibault pediu um cheeseburger com fritas e um milk-shake de chocolate para ajudar a descer, depois pediu um cheeseburger para viagem, para Zeus. O cachorro o devorou em menos de vinte segundos, depois se virou para o dono.

– Que bom que você gostou. Venha.

Comprou um mapa da cidade numa loja de conveniências e se sentou num banco perto da praça central – um daqueles projetos tradicionais: quatro lados cercados por ruas cheias de lojas. Mesmo tendo grandes árvores que faziam sombra, um parquinho infantil e um monte de flores, o lugar não parecia cheio de gente; algumas mães estavam reunidas enquanto crianças desciam pelo escorrega e brincavam nos balanços. Examinou o rosto das mulheres, certificando-se de que ela não estava ali, depois virou as costas e abriu o mapa antes que elas ficassem nervosas com sua presença. Mães com crianças pequenas sempre ficam nervosas ao notar um

homem sozinho por perto fazendo nada. Ele não as culpava. Havia muitos depravados por aí.

Estudando o mapa, orientou-se e tentou pensar no passo seguinte. Não tinha ilusões de que seria fácil. Não sabia muita coisa, afinal de contas. Tinha apenas uma foto sem nome nem endereço. Não imaginava onde a moça havia trabalhado. Não tinha seu telefone. Desconhecia a data da fotografia. A mulher era apenas um rosto na multidão.

Mas havia algumas pistas. Tinha estudado os detalhes, como fizera tantas vezes antes, e começou com o que *sabia*. A foto tinha sido tirada em Hampton. A mulher parecia ter 20 e poucos anos na ocasião. Era bonita. Tinha um pastor alemão ou conhecia alguém que tinha. Seu nome começava com *E*. Emma, Elaine, Elise, Eileen, Ellen, Emily, Erin, Erica... esses pareciam os mais prováveis, se bem que no Sul poderia haver nomes como Erdine ou Elspeth também. Ela fora à feira com alguém que mais tarde foi mandado para o Iraque. Tinha dado a foto a essa pessoa, e Thibault a encontrara em fevereiro de 2003, o que significava que fora tirada antes disso. Portanto a mulher agora devia estar chegando aos 30. Havia três árvores de sempre-viva a distância. Essas coisas, ele sabia. *Fatos*.

Em seguida existiam suposições, a começar com Hampton. Hampton era um nome relativamente comum. Uma busca rápida na internet revelara um bocado de opções. Condados e cidades espalhados pelo país: Carolina do Sul, Virgínia, New Hampshire, Iowa, Nebraska. Geórgia. Em outros estados também. Um monte de outros. E, claro, havia uma Hampton no condado de Hampton, na Carolina do Norte.

Apesar de não haver nenhum marco óbvio ao fundo – nenhuma foto de Monticello de Thomas Jefferson indicando a Virgínia, por exemplo, ou uma placa de BEM-VINDO A IOWA! ao fundo –, havia informações. Não sobre a mulher, mas pelos rapazes na fila da bilheteria. Dois usavam camisetas com estampas. Um – com uma imagem do Homer Simpson – não ajudava. O outro, com a palavra DAVIDSON escrita na frente, não significou nada a princípio. Ele tinha presumido que a camisa fosse uma referência às motocicletas Harley-Davidson. Mas outra busca no Google esclareceu isso. Descobriu que Davidson também era o nome de uma respeitada faculdade perto de Charlotte, na Carolina do Norte. Seletiva, desafiadora, com ênfase nas artes liberais. Vendo o catálogo on-line da livraria da faculdade, encontrara a mesma camisa à venda.

Sabia que a camisa não era garantia de que a foto fora tirada na Carolina do Norte. Talvez alguém que tivesse estudado lá houvesse dado a camisa ao sujeito ou ele fosse um aluno de fora do estado, quem sabe só gostasse das cores, talvez fosse ex-aluno e tivesse se mudado para outro lugar. Mas, sem ter mais nada que ajudasse, Thibault deu um telefonema rápido para a Câmara de Comércio de Hampton antes de sair do Colorado e verificou que acontecia uma feira de condado no verão. Outro bom sinal. Ele tinha um destino, mas ainda não era incontestável. Só *presumia* que fosse correto. Mesmo assim, por um motivo que não podia explicar, o lugar parecia certo.

Havia outras suposições, também, mas iria abordá-las mais tarde. A primeira coisa que precisava era encontrar o local da feira. Com sorte ela aconteceria sempre na mesma localização – ele esperava que a pessoa que lhe indicasse a direção também respondesse a essa pergunta. O melhor lugar para pedir informações seria uma das lojas ali perto. Não as de lembranças ou antiguidades – essas podiam pertencer a recém-chegados à cidade, pessoas escapando do Norte em busca de uma vida mais calma em clima mais quente. Julgou que a melhor aposta seria algo como uma loja de ferramentas. Ou um bar. Ou uma corretora de imóveis. Supôs que reconheceria um bom lugar quando o encontrasse.

Queria ver o local em que a foto tinha sido tirada. Não para ter uma ideia melhor de quem era a mulher. O terreno da feira não ajudaria nesse sentido.

Queria saber se existiam três sempre-vivas altas e juntas, daquelas pontudas que cresciam em praticamente qualquer lugar.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DE NICHOLAS SPARKS

O melhor de mim
O casamento
À primeira vista
Uma curva na estrada
O guardião
Uma longa jornada
Uma carta de amor
O resgate
O melhor de mim
Uma longa jornada
O milagre
Noites de tormenta
A escolha
No seu olhar
Eu sem você
Um porto seguro
O guardião
Diário de uma paixão
Dois a dois
Querido John

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

